

ORIGENS DOS BATISTAS NO BRASIL: UMA QUESTÃO HISTORIOGRÁFICA

Valtair Afonso Miranda¹⁸⁹

Milene Ribeiro Noenta de Lima¹⁹⁰

RESUMO

A questão do marco inicial batista brasileiro foi amplamente abordada e discutida no seio da denominação por dois diferentes grupos que partiam de lugares hermenêuticos completamente distintos. O presente artigo tem como objetivo a discussão a respeito deste tema, fazendo considerações sobre o contraste entre as narrativas historiográficas apresentadas. Neste sentido, tratou-se dos principais argumentos norteadores de ambos os grupos e da incompatibilidade de suas conclusões. Aborda-se, ainda, a respeito das consequências das pesquisas produzidas por uma mulher, esposa de pastor batista e seus impactos para a denominação, bem como os conflitos e as repercussões internas geradas em razão de sua posição social e gênero.

PALAVRAS-CHAVE: BETTY ANTUNES, REIS PEREIRA, BATISTAS BRASILEIROS, HISTÓRIA DOS BATISTAS, MARCO INICIAL BATISTA.

ABSTRACT

The issue of the Brazilian Baptist initial framework was widely addressed and discussed within the denomination by two different groups that started from completely different hermeneutical places. This article aims to discuss this theme, making considerations about the contrast between the historiographic narratives presented. In this sense, it dealt with the main guiding arguments of both groups and the incompatibility of their conclusions. It also addresses the consequences of the research produced by a woman, the wife of a Baptist pastor and its impacts on the denomination, as well as the conflicts and internal repercussions generated by her social position and gender.

KEYWORDS: BETTY ANTUNES, REIS PEREIRA, BRAZILIAN BAPTISTS, HISTORY OF THE BAPTISTS, BAPTIST STARTING POINT.

¹⁸⁹ Doutor em História (UFRJ); Doutor em Ciências da Religião (UMESP); Mestre em Ciências da Religião (UMESP); Mestre em Teologia (STBSB); Graduado e licenciado em História (UNIVERSO); Graduado em Teologia (STBSB); Atualmente é Coordenador Acadêmico no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

¹⁹⁰ Pós-graduanda em história do cristianismo e do pensamento cristão pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil; Graduanda em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

INTRODUÇÃO

O marco inicial da origem dos batistas no Brasil, hoje comemorado no dia 10 de Setembro¹⁹¹ como definido na 89ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira, no ano de 2009, em Brasília, foi razão de grandes polêmicas e discussões dentro da própria denominação. Enquanto certa parcela de pesquisadores batistas sustentava e oficializava a data de 15 de Outubro de 1882, quando missionários da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista dos Estados Unidos organizaram a Igreja Batista da Bahia, em Salvador, outra parcela apontava a necessidade de um estudo mais profundo e documental sobre os colonos norte-americanos chegados à Santa Bárbara D'Oeste, em São Paulo, no ano de 1871, onde organizaram uma igreja.¹⁹² Estava posta uma discordância que compreendia pelo menos 10 anos de história e que precisava de uma resolução assentida.

Posto isto, era evidente que ambos os lados traziam pressupostos distintos, e por isso, chegavam a conclusões distintas. Tanto um quanto outro, trabalhava para sustentar suas posições, trazendo seu discurso historiográfico em certo lugar hermenêutico bem definido.¹⁹³ Enquanto um grupo defendia a ideologia missionária como o início do trabalho batista no Brasil, outro adotava o método de resgate histórico religioso migratório para o mesmo evento. Dentre estes grupos, podemos destacar os dois principais autores de obras historiográficas sobre o marco inicial batista e expoentes desta discussão: José dos Reis Pereira e seu livro *História dos Batistas no Brasil 1882-1982*, publicado pela Juerp¹⁹⁴ em 1982, sobre o Centenário dos batistas no Brasil comemorado em 1982 na Bahia, e Betty Antunes de Oliveira e a construção de seu livro sobre os primórdios do trabalho batista no Brasil, *Centelha em Restolho Seco*, publicado pela primeira vez em edição própria no ano de 1985.

1 JOSÉ DOS REIS PEREIRA E A IDEOLOGIA MISSIONÁRIA BATISTA

José dos Reis Pereira foi importante figura batista, o pastor nascido no dia 4 de fevereiro de 1916, que também se dedicou aos estudos de teologia, filosofia, jornalismo e História, converteu-se aos 14 anos de idade na Igreja Batista em Vila Mariana, São

¹⁹¹Disponível em http://www.convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=48>, acesso em 08/05/2021.

¹⁹²SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: historia e religião na America Latina à partir de Michel de Certeau**. 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 16.

¹⁹³Entende-se por lugar hermenêutico o contexto de construção de determinado registro historiográfico, envolvendo aspectos históricos, sociais e os objetivos da produção.

¹⁹⁴Junta de Educação Religiosa e Publicações. Editora oficial da denominação.

Paulo, e foi batizado algum tempo depois.¹⁹⁵ Com apenas 16 anos de idade ingressou no Exército Brasileiro onde serviu diligentemente, tendo participado da revolução de 1932.

Foi consagrado ao ministério e empossado ao pastorado da Igreja Batista do Rocha, no Rio de Janeiro, em 1941, onde ficaria pelos 50 anos seguintes. Convidado para ser professor no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Reis Pereira atuou na instituição por 37 anos, especialmente na cadeira de História. Foi também professor no Instituto Bíblico de Educação Religiosa (IBER),¹⁹⁶ o qual deixou de lecionar para dedicar-se à diretoria do *O Jornal Batista*¹⁹⁷. Reis Pereira foi frutífero escritor, tendo publicado significativas obras como: *Dia da ceia do Senhor à transubstanciação*; *Breve história dos batistas*; *história dos batistas no Brasil 1882-1982*; *O apóstolo da Amazônia*; *Mensagem da Cruz*; *Mobilização dos Válidos* e *Sal da Terra*, além de diversos artigos nos periódicos do jornal em que era diretor. Dentro das fronteiras batistas foi presidente da Junta de Missões Estrangeiras¹⁹⁸ e da Ordem dos Ministros Batistas do Brasil¹⁹⁹ por várias vezes ao longo de 20 anos. Foi nomeado secretário da Convenção Batista Brasileira por mais de uma vez onde contribuiu também como vice-presidente. Sua atuação é largamente reconhecida na denominação por suas expressivas contribuições, especialmente na área de história dos batistas.

O pressuposto claro daqueles que defendem o marco inicial batista no Brasil com a organização da igreja na Bahia em 1882, como Reis Pereira, é o fato de que aqueles que a fundaram tinham um objetivo claramente missionário e conversionista com intenções estritamente religiosas desde a sua saída dos Estados Unidos da América, quando foram enviados pela Junta de Richmond. Em contrapartida, desqualificavam o grupo batista de colonos norte-americanos que se instalaram em Santa Bárbara em razão das motivações que os trouxeram ao Brasil, tais como a Guerra de Secessão, as posições adotadas em relação ao regime escravagista nos dois países e a política de incentivo imigratório vigente no governo brasileiro. Em seu livro, Reis Pereira enfatiza que as igrejas estabelecidas por aqueles colonos, a quem chama “exilados”, eram apenas para sua própria devoção²⁰⁰

¹⁹⁵SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: história e religião na América Latina à partir de Michel de Certeau**. 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 54.

¹⁹⁶Nos dias atuais a organização chama-se CIEM (Centro Integrado de Educação e Missões)

¹⁹⁷O jornal batista é um periódico semanal, fundado em 1901, que a partir de 1909 passou a ser órgão informativo oficial da Convenção Batista Brasileira, onde José dos Reis Pereira atuou como diretor por 24 anos.

¹⁹⁸Nos dias atuais a organização chama-se Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

¹⁹⁹Nos dias atuais a organização chama-se Ordem dos Pastores Batistas do Brasil.

²⁰⁰PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 11.

A argumentação deste grupo recebia o apoio de cada vez mais batistas brasileiros encantados com um ideal imaginário de heróis missionários norte-americanos que desembarcaram no país para lançar as primeiras sementes batistas em solo brasileiro. Sob este ponto de vista, Marli Teixeira faz a seguinte declaração ao abordar a questão dos colonos em Santa Bárbara:

As atividades religiosas que passaram a desenvolver, mantinham-se nos limites do protestantismo de imigração, porquanto restringiam-se a cultos em língua inglesa, assistidos pela população recém-chegada. Não mantiveram qualquer relação estável com juntas missionárias Norte-Americanas, mais atraídas naquele momento pelo envio de evangelistas para a África e a Ásia. A primeira igreja organizada em Sta. Bárbara em 10 de setembro de 1871 não resultou do planejamento missionário de nenhuma Missão Batista Americana, mas exclusivamente da necessidade sentida pelos batistas imigrantes de atender os seus anseios espirituais e morais.²⁰¹

Segundo Marli Teixeira, as conversas e o compromisso entre o grupo missionário batista chegado em 1881 e a Junta de Missões Estrangeiras do Sul dos Estados Unidos era a de um imediato estabelecimento de bases evangelísticas, diferente dos colonos de Santa Bárbara que sequer sustentavam uma relação sólida com esta ou qualquer outra junta missionária. Somado a isto, havia ainda uma argumentação acerca da incontinuidade das atividades das duas primeiras igrejas batistas fundadas pelos colonos, a Igreja Batista de Santa Bárbara D'Oeste, que teve suas atividades encerradas em 1988 e a Igreja Batista da Estação, organizada em 02 de novembro de 1879, gerada pela primeira, que também não registra continuidade histórica de suas atividades. Seguindo esta linha de raciocínio, ambas as igrejas não poderiam ser consideradas como início de algo que não prevaleceu, conforme declara Donald Price, também defensor deste grupo:

Os primeiros batistas que aqui chegaram, chegaram como imigrantes, não com missionários. Chegaram depois da guerra civil norte-americana. E queriam vir para uma nação que ainda tivesse escravatura, assim escolheram o Brasil. Todas as igrejas batistas brasileiras têm suas raízes neste trabalho missionário. Não nessas duas igrejas começadas pelos americanos da região de Santa Bárbara e Americana. [...] Essas duas igrejas morreram depois de um tempo. Mas o trabalho batista brasileiro tem suas raízes nesta Primeira Igreja Batista de Salvador.²⁰²

Tendo como pano de fundo este desejo de vincular a ideologia missionária ao marco histórico do início do trabalho batista no Brasil, Reis Pereira coloca a relação entre o pastor batista imigrante, Richard Ratcliff, e a Junta de Richmond em termos que sugerem um vínculo inconstante e até mesmo forçadamente inevitável para a junta:

²⁰¹TEIXEIRA, Marli Geralda. **Os batistas na Bahia: 1882-1925**. p. 33.

²⁰²PRICE, Donald. **Assembléia de Deus e Batistas: um contraste entre dois modelos missionários teológica**, ano 3, nº 4, 2º semestre de 2001. p. 39.

Esta, organizada com 23 membros, teve como pastor um dos colonos, Richard Ratcliff. Viera como colono, mas era pastor e dez anos antes se apresentara à Junta de Richmond, desejando ser missionário no Oriente. Mas veio a guerra e ele se engajou, mesmo porque a Junta não dispunha de recursos para enviá-lo. Terminada a guerra, veio para o Brasil e se estabeleceu em Santa Bárbara. [...] Essa igreja de Santa Bárbara é a primeira igreja batista estabelecida em solo brasileiro. Era, entretanto, uma igreja de língua inglesa, fundada para servir aos colonos, e que nunca deixou de ser igreja de língua inglesa. [...] **Não era uma igreja missionária.** Percebia, entretanto, a carência espiritual do povo brasileiro. E assim, mais de uma vez, se dirigiu por carta à Junta de Richmond, pedindo-lhe que enviasse missionários para o Brasil.²⁰³ [grifo meu]

Contudo, se levarmos em conta o critério utilizado por este grupo em relação ao espírito evangelístico missionário e conversionista supostamente ausente nos primeiros batistas em solo brasileiro, nos esbarraremos em certo obstáculo. É possível encontrar no texto de Crabtree uma evidência que aponta para uma intenção na evangelização dos brasileiros por parte destes batistas, mas que por diversos motivos não foi posta em prática:

A 10 de setembro de 1871, foi organizada a primeira igreja Batista no solo brasileiro. Não obstante a falta de recursos e liderança para iniciar o trabalho evangélico entre os brasileiros, esta igreja prestou um serviço de valor incalculável para a evangelização do Brasil [...] **A igreja neste tempo estava imbuída do espírito missionário e desejava trabalhar na evangelização** do Brasil, mas o pastor não tinha os predicados que inspirassem confiança em sua dicção. Apresentou dois planos para o trabalho entre os brasileiros, porém não foram aceitos pela junta de Richmond.²⁰⁴ [grifo meu]

Neste ponto, é importante lembrar que algumas das características que moldam o protestantismo inglês, dos quais estes colonos batistas são fruto, é justamente o messianismo norte-americano²⁰⁵ e seus ideais salvacionistas. Decorrente disto, há o desenvolvimento natural de um espírito de expansão missionária que ocorre a partir do mandato divino. Fica claro que as duas igrejas em São Paulo contribuíram para a fundação da igreja de Salvador em um princípio essencialmente protestante, ligado a uma compreensão de destinação missionária do Novo Testamento, onde igreja gera igreja. Ainda que nenhuma das duas primeiras igrejas batistas em solo brasileiro tenham desenvolvido suas atividades evangelísticas como planejadas, ou sequer tenham sustentado seus próprios pastores, este texto de Crabtree nos sugere certa intenção por

²⁰³PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 11.

²⁰⁴CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil: até o ano de 1906**. Departamento de Estatística e História da Casa Publicadora Batista do Rio de Janeiro, 1937. p. 39-40.

²⁰⁵AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba, Unimep; São Paulo, Exodus, 1996. p. 143.

parte dos mesmos e uma expectativa por parte da Junta de Richmond. Assim sendo, embora não tenham logrado êxito em seu trabalho de expansão entre os brasileiros “a igreja de Santa Bárbara, como já vimos, foi usada pela providência de Deus para induzir a Junta de Richmond a iniciar suas actividades missionárias no Brasil”.²⁰⁶

Segundo relato no livro de José Reis Pereira, após a chegada dos missionários enviados pela referida junta em março de 1881, estes seguiram para Santa Bárbara onde buscaram estabelecer contato com os batistas norte-americanos que lá estavam, a fim de tomar providências para o aprendizado da língua, e foram recebidos por Antonio Teixeira de Albuquerque, um ex-padre católico que agora era pastor batista.²⁰⁷ É intrigante a maneira que Reis Pereira se refere ao então pastor Antonio Teixeira, colocando-o no lugar de assessoria aos missionários:

Reunidos em Campinas, os Bagby e os Taylor, **assessorados de quando em quando por Albuquerque, faziam planos para o início de um trabalho batista realmente missionário.** Pensavam numa cidade grande em que não houvesse testemunho evangélico ou em que este não fosse ainda suficientemente expressivo. Os dois missionários fizeram uma viagem até o interior de Minas Gerais. Lá, num hotel de Barbacena, puseram um mapa do Brasil no chão e, ajoelhados ao lado dele, imploraram a direção divina para a escolha que precisavam fazer.²⁰⁸ [grifo meu]

2 AS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO BATISTA BRASILEIRO

Tendo por base o ideal imaginário missionário do marco inicial batista, de Reis Pereira, que antes mesmo de escrever o seu principal livro sobre o assunto já propagava a ideia em artigos no *O Jornal Batista*, foram elaboradas e desenvolvidas as ações para a comemoração do Centenário batista brasileiro, que seguindo esta afirmação ideológica de Missão, seria no dia 15 de Outubro de 1982.

As concepções que eram apresentadas nas edições do jornal vinham sendo bem aceitas pela maior parte da comunidade batista que, através das leituras disponibilizadas, construía junto às suas comunidades de fé um ideário envolta da “grande data batista”.²⁰⁹ Em razão da não concordância sobre este marco inicial dentro da própria denominação, o tema não era costumeiramente motivo de pauta no jornal, contudo, sob a direção do novo diretor, José dos Reis Pereira, o tema aparece com muito mais frequência

²⁰⁶CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil: até o ano de 1906.** Departamento de Estatística e História da Casa Publicadora Baptista do Rio de Janeiro, 1937. p. 298.

²⁰⁷PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982).** 2ª edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 18.

²⁰⁸*Ibid.*, p. 21.

²⁰⁹Esta é a exata expressão que estampa a primeira página do *O Jornal Batista* na edição do dia 18 de outubro de 1964, a primeira vez que o tema é abordado pelo então diretor José dos Reis Pereira.

e intencionalmente abordado como uma posição oficial já estabelecida.²¹⁰ Assim, valendo-se de sua influência no *O Jornal Batista*, como porta-voz da instituição, investe na construção da ideologia missionária e enfatiza a data de 1882, que para ele deveria ser a data que todo bom batista brasileiro deveria ter na memória²¹¹, chegando a sugerir, em um dos artigos sobre o início do trabalho batista no Brasil, que o dia 15 de outubro deveria ser considerado o Dia Batista do Brasil. Posteriormente, oficializou a sugestão em proposta na Assembleia da Convenção Batista Brasileira de 1968:

Que a data de 15 de outubro de 1882, quando foi fundada pelos missionários William e Ana Bagby, Zacarias e Kate Taylor e pelo ex padre Antônio Teixeira de Albuquerque, a Primeira Igreja Batista da Bahia, seja considerada, oficialmente, a data do início da obra batista brasileira.²¹²

No dia 15 deste mesmo ano, foi aprovada a proposta apresentada à Comissão de Assuntos Eventuais, e validada no ano seguinte, na Assembleia de 1969, em Niterói. Durante este período de um ano, quaisquer objeções poderiam ser apresentadas quanto à decisão, sendo ainda condicionada a uma comissão avaliadora. Tendo por relator o próprio autor da proposta, José dos Reis Pereira, a comissão emitiu o parecer sobre o assunto afirmando que a aprovação da proposta constituirá um pronunciamento desta Convenção no momento em que se fez mister a afirmação de nossos princípios e nossa ortodoxia.²¹³ Era clara a consciente intencionalidade de sua atuação desde a apresentação da ideia até a decisão final.

A partir da decisão homologada sobre o marco inicial batista, os periódicos do *O Jornal Batista* passaram a dar ênfase na abordagem missionária, destacando o espírito missionário que moveu os cinco pioneiros e incentivando generosas comemorações para a data do Centenário. Através dos periódicos também foram dadas sugestões de programações a serem realizadas e programas para a comemoração da data, sempre divulgadas junto a uma biografia dos missionários pioneiros e relatos sobre a fundação da igreja da Bahia. Em concordância com esta abordagem, o então secretário da redação do Jornal elucidou a necessidade da definição do marco inicial:

Um povo que não tem história, que não tem santos, que não tem mártires, que não tem sábios, que não tem grandes homens é um povo infeliz. Nós, porém,

²¹⁰SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: história e religião na América Latina a partir de Michel de Certeau**. 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 57-58.

²¹¹ PEREIRA, José dos Reis. **Os batistas fazem oitenta e quatro anos**, O Jornal Batista, 16 de outubro de 1966, edição 42, p.1

²¹² CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. Anais, 1968. Rio de Janeiro: JUERP. p. 78.

²¹³*Ibid.*, p. 78.

temos homens, homens que merecem a nossa admiração e a nossa gratidão [...] Nós, porém, temos datas, datas que determinam marcos na história batista no Brasil. Reverenciemos neste DIA BATISTA DO BRASIL à memória de nossos pioneiros, procurando moldar nossas vidas no espírito que eles tiveram.²¹⁴

Foram 10 anos dos mais intensos para os batistas brasileiros, que entusiasmados com a afirmação do ideal dos missionários pioneiros, tornaram o ano do centenário o centro das atenções em todos os setores da vida denominacional, intencionando ganhar cada vez mais adeptos às suas igrejas, sempre lembrados que todo batista deveria ser um missionário e levar a sério a obra da evangelização. Pela ocasião do então Centenário, muitas ações foram desencadeadas, e seria ainda neste contexto que surgiria a proposta do lançamento do livro de José dos Reis Pereira sobre a história dos primeiros cem anos de trabalho batista no Brasil, evidentemente contados a partir de 15 de outubro de 1882. Conforme argumenta: “É muito próprio que, nas comemorações do Centenário da fundação da Primeira Igreja Batista Brasileira, seja publicada esta síntese histórica de um século de trabalho batista no Brasil.”²¹⁵ A solicitação foi registrada em 1981, apenas um ano antes de sua divulgação. Esta obra seria uma parte fundamental para um novo registro historiográfico da afirmação ideológica missionária dos batistas do Brasil. Posto isto, ficam claras as intenções da obra historiográfica. O texto foi elaborado em um contexto claro de celebração e afirmação ideológica. O próprio autor reconheceu a insuficiência de fontes para a pesquisa, solicitando a ajuda de leitores do *O Jornal Batista* para que lhe enviassem materiais que pudessem ajudá-lo.²¹⁶ Ainda assim, acreditava ser possível a conclusão do projeto, pois julgava ter toda a matéria memorizada por ter dado aula tanto tempo sobre o tema²¹⁷, o que inculca a ideia de que o texto final da obra seria, na verdade, uma grande compilação daquilo que o próprio autor escrevera durante seus anos como professor e redator no jornal da denominação.

Assim sendo, é possível observar que o livro *História dos batistas no Brasil 1882-1982*, de Reis Pereira, tinha como ponto de partida uma imponente decisão institucional pré-estabelecida e, portanto, não tinha preocupações com novas descobertas. Oposto a isto, a obra buscava a reafirmação de uma ideologia já existente, e a partir dela, concebia-se a construção de um registro historiográfico.

²¹⁴ AMARAL, Othon Ávila. **Evocações Históricas**, O Jornal Batista, 14 de outubro de 1973, edição 41, p.1.

²¹⁵ PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 1.

²¹⁶ Ibid., loc. cit.

²¹⁷ SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: história e religião na América Latina à partir de Michel de Certeau**. 1ª ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 75.

3 BETTY ANTUNES DE OLIVEIRA E O RESGATE HISTÓRICO-RELIGIOSO MIGRATÓRIO

Descendente de imigrantes alemães e norte-americanos, em especial do pastor Robert Porter Thomas, o homem que batizou o primeiro brasileiro, Betty iniciou sua pesquisa por motivos pessoais. A pesquisadora da história dos confederados e membro da Fraternidade de Descendência Americana, fundada em 1954 com o objetivo de preservar a memória da colônia, interessou-se pela história de seu bisavô materno, que havia batizado e consagrado ao ministério o primeiro pastor batista nacional do Brasil,²¹⁸ o ex-padre brasileiro Antonio Teixeira de Albuquerque, em 1880. Betty encontrou, em um antigo baú, documentos e jornais que apontavam para uma parte quase esquecida da história dos batistas, os colonos de Santa Bárbara D'Oeste. O achado tornou-se motivo de sua pesquisa por cerca de dezoito anos, onde recolheu materiais sobre a trajetória de seus antepassados, pesquisa esta que contestou a narrativa que se oficializava na época. Betty compreendeu ser de grande relevância o conteúdo que tinha em mãos, pois muito mais que a genealogia de sua família, os documentos abrangiam a história do início de uma denominação.

Como frutos da pesquisa de Betty Antunes de Oliveira, em razão do início do trabalho batista no Brasil, nasceram os livros: *Movimento de Passageiros Norte Americanos no Porto do Rio de Janeiro de 1985-1980 (1982)*, *Biografia de Antônio Teixeira de Albuquerque, o primeiro Pastor Batista Brasileiro – 1880 (1982)*, *North American Immigration to Brazil. Tombstone Records of the Campo Cemetery, Sta. Bárbara, SP (1978)*, *Do Arado ao Cajado (Biografia do Pastor Ricardo Pitrowsky), 1991 (inédito)* e *Centelha em Restolho Seco, uma contribuição para a História dos Primórdios do Trabalho Batista no Brasil (1985)*.²¹⁹ Todos estes, com exceção da segunda edição de “*Centelha em Restolho Seco*” foram lançados e publicados com seus próprios recursos. Para mais, a historiadora também escreveu artigos para *O Jornal Batista* e a *Revista Teológica* do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, além de impressos na área de imigração norte-americana e alemã para Santa Bárbara Do Oeste e Rio Grande do Sul, com contribuições para a genealogia e história de famílias, organização biográfica e coleta de dados.²²⁰ Foi reconhecida por importantes instituições como a Academia Evangélica de

²¹⁸ SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 444.

²¹⁹ SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: história e religião na América Latina à partir de Michel de Certeau**. 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 86.

²²⁰ *Ibid.*, p. 86.

Letras do Brasil, o Colégio Brasileiro de Genealogia do Rio de Janeiro e a Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia de São Paulo, onde recebeu título de Membro Titular. Em consequência de suas pesquisas, a jornalista publicou seu achado pela primeira vez em um artigo no *O Jornal Batista*, em 1966, sob o título “*No Primeiro Centenário dos Pioneiros Norte-Americanos*”:

O começo do trabalho batista no Brasil teve início com parte dessa colônia americana [...] Muito, ainda, há de se escrever sobre os resultados da vinda daquelas famílias americanas para o Brasil [...] Por causa do grupo de batistas, vieram os missionários Bagbys e depois outros. Que sementeira magnífica! Aquela “First Baptist Church Of Brazil”, organizada no coração de São Paulo, não existe mais. Foi a semente que posta na terra, morreu, para dar vida a tantas outras! [...] Deveríamos dar mais importância àquilo que pertenceu aos nossos antepassados.²²¹

Nesta publicação, Betty descreveu a sua primeira visita ao Cemitério do Campo, em Santa Bárbara, onde está o túmulo de seu bisavô. A matéria foi estímulo para o início dos questionamentos daqueles que não compartilhavam da narrativa oficial apresentada pela denominação. A abordagem do resgate histórico-religioso recebeu o apoio de outros escritores do jornal, como o pastor Ebenézer Cavalcanti, líder respeitado da Convenção Batista Brasileira, que teve importante participação na visibilidade do trabalho iniciado por Betty.

Os que defendiam a igreja fundada a partir dos colonos como o marco inicial batista no Brasil tiveram a sua argumentação baseada no protestantismo de imigração²²², que ocorreu a partir do século XIX no Brasil, com a abertura dos portos ao comércio inglês e posteriormente o incentivo governamental para a imigração europeia. Entre os batistas, está vinculado à vinda de confederados sulistas derrotados da Guerra de Secessão nos E.U.A, que imigraram em cerca de 900 pessoas e formaram colônias em várias partes do Brasil. Dentre estes, estavam aqueles que fundariam a Igreja Batista de Santa Bárbara D’Oestee a Igreja Batista da Estação, em São Paulo, que percebendo os aspectos favoráveis para um trabalho missionário mais efetivo, contataram a Junta de Richmond solicitando um apoio mais efetivo. Este apoio foi recebido pouco tempo depois com a chegada de duas famílias missionárias, os Bagby e os Taylor. Os defensores da teoria

²²¹ OLIVEIRA, Betty Antunes de. **No Primeiro Centenário dos Pioneiros Norte-Americanos**. O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1966, edição 48, p. 1.

²²² Protestantismo que se formou a partir do fenômeno migratório na América Latina. Neste fenômeno étnico a preservação da cultura e idioma é uma das características fundamentais. No plano institucional, aparece vinculado a igrejas do país de origem.

apresentada por Betty alegavam, ainda, que os quatro missionários pioneiros que fundaram a igreja na Bahia haviam pertencido anteriormente à igreja em Santa Bárbara:

Os quatro missionários pioneiros [Bagby e Taylor] pertenceram à Igreja Batista de Santa Bárbara, que fora organizada em 19-9-1971, na província de S. Paulo, **efetivamente a primeira do Brasil, se adotamos o critério denominacional e não o frágil critério puramente nacional**. A ela não pertencera Antônio Teixeira de Albuquerque, e sim à Segunda Igreja Batista no Brasil, conhecida como a igreja da Station, ou melhor: “o TEIXEIRA foi membro da Igreja da Estação de Sta Bárbara”, também em S. Paulo, como consta da retificação da primeira ata (sessão de 10-5-1883). Aquela segunda igreja fora organizada em janeiro de 1879. **Aquelas igrejas merecerão, oportunamente, um estudo à parte, inclusive para que se desfaça um dos nossos piores equívocos históricos.**²²³ [grifos meus].

É possível observar que este grupo tem a preocupação do resgate histórico, a partir de fontes primárias, buscando entre os registros daqueles imigrantes e partindo deste lugar hermenêutico para a construção da historiografia, dando espaço e valor para novas descobertas acerca do tema. Ainda sobre o assunto, mais tarde, o pastor Ebenézer escreve:

Ainda **vivemos sob um clima de emocionalismo** e sentimentalismo assaz provinciano e fátuo [...] Quando morrerem todos os patriotas nacionalistas, brasileiros e norte-americanos, se eu sobreviver a eles, proporei à Convenção Batista Brasileira que **RETIFIQUE o lamentável equívoco de apagar mais de dez anos de História Batista no Brasil**. [...] De todas as relíquias dos pioneiros [...] vale um marco histórico indestrutível no tempo e no espaço: 10 DE SETEMBRO de 1870(sic), data inquestionável da fundação da **Primeira Igreja Batista no Brasil**. [...] **Não foi batista a Igreja Batista de Santa Bárbara? Não foi ela a primeira a ser organizada no Brasil (não só no solo, mas na nação, sob as leis do império do Brasil)**, e não é verdade que isto ocorreu no dia 10 de setembro de 1871? E então? **Voltemos ao berço se somos historiadores e não meros historiógrafos.**²²⁴ [grifos meus]

Nesta mesma edição deu-se a reação do principal defensor do marco batista a partir da ideologia missionária de 1882, Reis Pereira, que prometeu explicações na próxima edição do jornal sobre os motivos pelos quais se havia aprovado esta posição como a oficial. O motivo da urgência em rebater o artigo era óbvio, a comemoração do centenário para os adeptos desta nova posição emergente, o que traria problemas na preparação do centenário que já estava em andamento e das comemorações que aconteceriam em cerca de 10 anos. Tal como prometera, na edição seguinte, de 19 de setembro de 1971, Reis Pereira respondeu o questionamento do PR Ebenézer, criticando a objeção feita fora do prazo estabelecido para a apresentação de contestações, o que deveria ter sido feito antes

²²³ CAVALCÂNTI, Ebenézer. **Antônio Teixeira de Albuquerque até 1886**. O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1967, edição 48. p. 5-6.

²²⁴ Ibid.,loc.cit..

que a proposta fosse homologada na Assembleia da Convenção de 1969, e reafirmando os pontos do ideal missionário.

No dia 3 de outubro daquele mesmo ano, *O Jornal Batista* publicou a cobertura do centenário da Igreja Batista em Santa Bárbara, na primeira página, sob a responsabilidade do Pr. João Falcão Sobrinho, um artigo problemático para a posição oficial:

Embora os batistas brasileiros reconheçam 15 de outubro de 1882, data da organização da primeira igreja batista brasileira, na Bahia, como a data batista do Brasil, **rendemos nossa profunda homenagem àquele punhado de desbravadores que no dia 10 de setembro de 1871, há um século, fundaram uma igreja batista em solo brasileiro, que foi a semente, o instrumento de Deus para o início desta epopeia missionária** de que, por Sua misericórdia, todos somos participantes. Foi, pois, com a alma enternecida pela gratidão e o coração reverente de saudade e respeito, que participamos da celebração do centenário da organização da **primeira igreja batista em solo brasileiro**, na bela sexta-feira, 10 de setembro de 1971.²²⁵ [grifos meus]

Claramente havia um grupo contrário a decisão oficial que se manifestava enfaticamente favorável à tese de Betty Antunes de Oliveira e que se valiam de suas pesquisas para embasar as objeções. Especialmente os dois articulistas do jornal, Pr. Ebenézer Cavalcânti e Pr. Falcão Sobrinho, traziam certo incômodo ao então editor do jornal, Pr. José dos Reis Pereira, quanto aos seus planos para a celebração do centenário batista em 1982. Ainda assim, como vimos anteriormente, os planos para a celebração foram à frente e a maior parte deles se concretizaria conforme previsto.

Dentro dos dez anos seguintes, durante as preparações para o centenário que seria comemorado de acordo com a chegada dos missionários enviados pela Junta de Richmond, muitos pronunciamentos e declarações foram publicados acerca do marco inicial batista. Enquanto alguns ainda seguiam as orientações oficiais de forma tenaz, omitindo e até mesmo suprimindo as contestações emergentes, outros passaram a considerar a tese de Betty Antunes, como o colaborador direto de Reis Pereira e historiador, Othon Ávila de Amaral que escreveu no *O Jornal Batista* em 1975:

Admitimos, inclusive reconsiderando posição anterior, que o Pastor Robert Porter Thomaz, bisavô de nossa Betty Antunes de Oliveira, tenha sido realmente o batizador do primeiro batista brasileiro [o ex-padre Antônio Teixeira de Albuquerque]. [...] O primeiro pastor e batista brasileiro pertenceu a três igrejas batistas: 1 – Igreja Batista da Estação, na Colônia de Santa Bárbara, organizada no dia 5 (domingo) de Janeiro de 1879; 2 – Primeira Igreja Batista do Brasil, organizada no dia 15 de Outubro de 1882 e, 3 – Igreja

²²⁵ SOBRINHO, João Falcão. **Um século depois**. O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1971, edição 40. p. 1-2.

Batista de Maceió, organizada no dia 17 de Maio de 1885. Foi, aliás, o primeiro Pastor desta última.²²⁶ [grifo meu]

Como vimos, a tese levantada por Betty ganharia apoio nos anos antecedentes à comemoração do centenário, contudo, ainda assim, as investidas do grupo não foram suficientes para fazer frente ao que já fora estabelecido, deixando claro que todas as tentativas de se questionar a decisão oficial seria combatida. Não havia interesse em rever a questão, pois renunciar ao ideal missionário significaria renunciar a todo um projeto que já havia sido elaborado para o decênio do Centenário.²²⁷ Apesar disto, a falta de consenso seguiu trazendo certo desconforto para a denominação, e o grupo desatendido, especialmente a autora da tese, não estagnaram em seus esforços e suas pesquisas.

Até que então, em 2003, a Convenção Batista Brasileira, em sua 83ª Assembleia, criou uma comissão para reavaliar a questão da data inicial batista no Brasil: 10 de setembro de 1871 ou 12 de outubro de 1882. No ano seguinte, a Assembleia deu seu parecer definitivo após o prazo para contestações, reconhecendo a data de 10 de setembro de 1871 como a data de início do trabalho batista no Brasil.²²⁸ Sendo proposta aceita e homologada em 2009, durante a 89ª Assembleia da Convenção Batista Brasileira, em Brasília, a tese de Betty Antunes de Oliveira oficialmente substituiu a decisão de 1969, após cerca de quarenta anos de suas primeiras investidas. Certamente, o trabalho de seu livro “*Centelha em Restolho Seco*” influenciou as decisões tomadas pela comissão, especialmente pela sua forma de escrita acadêmica, científica e documental que denota credibilidade e autenticidade em suas conclusões.

4 O TRABALHO DE DONA BETTY: A PESQUISA E O LIVRO

Apesar de um resultado favorável à sua tese, o caminho percorrido por Betty não foi fácil. O êxito foi conquistado após anos de pesquisas, décadas de embates dentro da denominação e inúmeros confrontos que foram, em sua maioria, estimulados por motivações fundamentadas em questões de gênero e poder. Além do mais, sua conquista trouxe repercussões para além de sua contribuição unicamente historiográfica. A determinação demonstrada pela historiadora trouxe questionamentos acerca da emancipação e visibilização das mulheres, batistas ou não. Seu feito trajou um grande significado para a afirmação feminina no meio institucional, exteriorizado através da sua

²²⁶ AMARAL, Othon Ávila. **Antônio Teixeira de Albuquerque**: o primeiro metodista e batista do Brasil. O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1975, edição 4, p. 7.

²²⁷SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista**: história e religião na América Latina à partir de Michel de Certeau. 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003. p. 95.

²²⁸“**Marco inicial é definido**”, O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 1º de fevereiro de 2009, edição 5. p. 9.

participação efetiva na produção de conhecimento na área de história dos batistas brasileiros, desafiando uma forte estrutura de hegemonia masculina na produção do saber.

Embora tenha publicado um artigo intitulado “No Primeiro Centenário dos Pioneiros Norte Americanos”, no *O Jornal Batista*, ainda em novembro de 1966 (dezoito anos antes das comemorações oficiais do Centenário que enfatizava o ideal missionário de 1882), foi apenas em 1985 que Betty Antunes realizou a publicação de seu principal livro sobre o assunto, *Centelha em Restolho Seco*. Uma obra densa de 768 páginas, recheada de documentos inéditos reunidos pela autora, além de descobertas que enriqueceram a história não apenas da denominação batista, mas de uma época da história brasileira. “Para Betty, os fatos históricos sobre o início do trabalho batista no Brasil precisavam ser conhecidos e analisados, em sua cronologia e significância, dentro das circunstâncias contextuais”²²⁹, e era direito de todo batista brasileiro ter acesso a este conteúdo que se baseava em uma reconstrução fidedelíssima, a partir dos imigrantes norte-americanos estabelecidos em Santa Bárbara, para que a história da denominação pudesse ser revista sob a ótica de um processo histórico transcorrido.

O livro que ganhou o prêmio Areté da Associação Brasileira de Escritores Cristãos de 2005, encontrou grandes desafios até finalmente chegar à sua publicação. Tendo finalizado suas pesquisas, iniciadas quase duas décadas antes, Betty buscou o apoio da editora oficial da denominação, a Juerp, como fizera Reis Pereira, contudo, não houve qualquer interesse por parte da liderança da denominação para com a sua pesquisa. Imposta esta barreira, a autora precisou levantar seus próprios recursos, recebendo, inclusive, o apoio de pessoas que seguiam outras religiões²³⁰ para a publicação da primeira edição que aconteceu na Capela do Seminário do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, em novembro de 1985. O livro desafiou uma hegemonia de quase 60 anos de tradição denominacional e trouxe uma nova interpretação sobre o marco inicial do trabalho batista no Brasil. O feito de Betty foi surpreendente se considerarmos toda a trajetória histórica da posição oficial. Trata-se de uma transgressão, um enfrentamento inesperado²³¹ que alterou um antigo e convencionado pressuposto, além de embasar novas discussões a partir de um resgate documental histórico-religioso daqueles imigrantes estadunidenses.

²²⁹SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino**. 1ª ed. São Paulo: Hagnos, 2014. p. 469.

²³⁰Um empresário libanês, possivelmente seguidor do espiritismo, se interessou pela pesquisa e ofereceu toda a ajuda necessária para a publicação. (entrevista concedida a Alberto Kenji. [por telefone]. São Caetano do Sul, SP. 21 fev 2006. 16h:50m). Segundo consta na página 94 da tese de doutorado do entrevistador, intitulada “O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil”.

²³¹YAMABUCH, Alberto Kenji. **O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980**. São Bernardo do Campo, SP, 2009. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. p. 70.

A origem da investigação foi fundamental para as principais diferenciações entre sua pesquisa e a narrativa historiográfica oficial apresentada pela denominação. Isto porque em lugar de partir da exaltação do ideário de um espírito missionário batista, parte de um resgate histórico familiar que buscava recuperar fragmentos que pudessem recontar a trajetória de uma comunidade de emigrados norte-americanos. Antes da confecção do livro, dona Betty intencionava construir um livro sobre sua família com um capítulo dedicado à biografia do primeiro pastor batista do Brasil, aquele que fora batizado e consagrado por seu bisavô materno. Segundo Betty encontra em registros documentais, o Pastor Antônio Teixeira era brasileiro, falava português e já exercia seu ministério na Igreja Batista de Santa Bárbara e em Piracicaba, pregando sermões em reuniões promovidas pela igreja, como argumentou em seu artigo teológico, em 1985:

Há forte evidência que Teixeira iniciou seu ministério ali em Santa Barbara e Piracicaba. Baseamo-nos numa informação que Dr. W. B. Bagby enviou à junta dizendo que Teixeira não pregava mais. Tinha havido um desentendimento entre Teixeira e Quillin, em Piracicaba, na tentativa de ali ser organizada a Terceira Igreja e uma escola-missão. Esse desentendimento resultou na separação de ambos e abandono da ideia e do trabalho em Piracicaba. Mas, ficou o registro que Teixeira deixaria de pregar, ou seja, que antes ele pregava. Perguntamos: onde pregava? A quem pregava? Será que os norte-americanos estavam interessados em que um brasileiro se tornasse pastor para eles, se já possuíam o seu? Qual o interesse do grupo em receber um brasileiro no seu seio e consagrá-lo ao ministério? Não sobra qualquer dúvida no fato de que as duas igrejas serviram de berço ao alagoano intrépido que então iniciava seu ministério, como um batista.²³²

Esta descoberta acerca dos sermões pregados pelo primeiro pastor batista brasileiro, somada a outras documentações encontradas, fez frente à narrativa de Reis Pereira que afirmava o desinteresse destas duas primeiras igrejas em alcançar os nativos, pois, segundo ele, falavam apenas em inglês e serviam apenas para a devoção dos colonos.²³³ Dentre estas documentações, está também o 1º manifesto evangelístico do Brasil, de 1870, que declarava a preocupação em evangelizar sem distinções de nacionalidade, do qual participou o Pastor Elias Hoton Quillin, que neste tempo já havia sido reconhecido como missionário da Junta de Richmond entre os brasileiros. Curiosamente, aqueles que o sucederem no ministério de seu pastoreio da igreja de Santa Bárbara seriam William B. Bugby e Zachary C. Taylor, aqueles que segundo Reis Pereira, foram os pioneiros no trabalho batista no Brasil. O Pr. Quillin, por sua vez, fora substituído de Richard Ratcliff,

²³²OLIVEIRA, Betty Antunes de. **A propósito da organização da primeira igreja batista do Brasil...** Revista Teológica do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Rio de Janeiro, no. 2, 1985. p. 67-68.

²³³PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982)**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985. p. 11.

o primeiro pastor norte-americano batista que exerceu seu ministério em solo brasileiro, e que embora tenha chegado ao país como colono, confederado da Guerra de secessão, já era pastor e havia se apresentado à Junta de Richmond 10 anos antes, intencionando exercer o ministério missionário no Oriente.²³⁴ Em seu livro, Betty Antunes apresenta documentações da referida junta sobre o reconhecimento do trabalho em Santa Bárbara:

O Pr. R. Ratcliff e sua **igreja estavam preocupados com a expansão do trabalho**. Percebe-se, pela documentação, **que a obra prosseguia, embora os obstáculos fossem grandes**. Um desses obstáculos era a realização dos cultos na língua inglesa, com a presença dos que não a entendiam, ou o inverso. **Era evidente que, para a realização dos cultos em português, o pastor Ratcliff teria que multiplicar o seu trabalho, incluindo o seu próprio preparo e o tempo gasto na visitação pastoral.** [...] Com a leitura cuidadosa dos vários documentos, incluindo-se os datados de 11.01.1873, 07.04.1877 e 18.10.1879, fica muito claro que os apelos feitos pela igreja à FMB, para que esta a ajudasse, **não visavam só à propagação do evangelho na vizinhança, mas também à sua divulgação além das fronteiras da comunidade.** [...] O seu pastorado teve uma duração de cerca de oito anos, dentre os 11 que permaneceu no Brasil. Deixou no seu lugar o seu colega, Pr. Elias Hoton Quillin. [...] a Convenção, baseada no relatório e sugestão da FMB, **aprovou-o, votando instalar no Brasil, a sua Missão, com a Primeira Igreja Batista, em Santa Bárbara, SP** [...] Essa decisão foi logo efetivada incluindo a nomeação do Pr. Elias Hoton Quillin, como missionário da FMB, responsável pela instalação da Missão e o seu funcionamento.²³⁵ [grifos meus]

Diferente da visão apresentada por Reis Pereira em seu livro sobre o mesmo assunto, onde afirma que aquela igreja sequer visava a evangelização de brasileiros, e por isso não poderia ser o início dos trabalhos evangelísticos e missionários no país, o livro de Betty Antunes de Oliveira apresenta uma igreja evangélica organizada em 1871 de acordo com os princípios neotestamentários e que, vinculada aos princípios ideológicos batistas, tinha a marca distintiva da questão missiológica como sinônimo de expansão e crescimento.

Em análise do ponto de vista histórico-cronológico, é possível afirmar que a partir desta primeira igreja batista constituída deu-se início, no Brasil, o trabalho missionário da Junta de Missões Estrangeiras, a Junta de Richmond. Sucedeu que em meados de 1879, a pedido da Igreja Batista de Santa Bárbara, em São Paulo, a referida junta estabeleceu o trabalho no país após votação na Convenção Batista do Sul dos E.U.A. Neste mesmo ano, foi organizada a segunda igreja batista, na Estação de Santa Bárbara, com membros portadores de cartas demissórias da primeira. Sobre estas duas primeiras igrejas batistas

²³⁴*Ibid.*, p. 11.

²³⁵ OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco: Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil**. 2º. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2005. p. 229-230.

no Brasil, Betty destacou em seu artigo no *O Jornal Batista* a necessidade de um estudo mais atento:

Por causa do grupo de batistas, vieram os missionários Bagbys e depois outros. Que sementeira magnífica! Aquela First Baptist Church of Brazil, organizada ali no coração de São Paulo, não mais existe. Foi a semente que posta na terra, morreu, para dar vida a tantas outras! [...] Deveríamos dar mais importância àquilo que pertenceu aos nossos antepassados.²³⁶

Com as pesquisas de Betty, fica ainda mais claro que a igreja fundada em Salvador, no ano de 1882 é, na verdade, a terceira igreja batista em solo brasileiro, com membros portadores de cartas demissórias da primeira e da segunda igrejas. Dentre estes estava o primeiro pastor batista Antônio Teixeira de Albuquerque, sua esposa, seus quatro filhos e sua empregada, todos membros filiados a igreja batista da Estação, além de quatro missionários nomeados pela Junta de Richmond. Um com sustento próprio e os outros três com sustento integral da referida junta.

Segundo afirma Mário Ribeiro Martins, que apoiava a tese de Betty, ainda no ano de 1881, antes mesmo que a igreja de Salvador fosse fundada, a Igreja Batista de Santa Bárbara certamente já havia perdido sua característica unicamente norte-americana, já que naquela altura, o então pastor da igreja, William Bagby, pregava sermões em português. Somado a isto, Mário Ribeiro afirma: “Prometeu estender o evangelho a regiões distantes, o que fez, enviando um nativo (Teixeira) juntamente com os Bugbys e os Taylors para fundar uma igreja na cidade mais católica da América Latina, Salvador, sede do arcebispado no Brasil.” (MARTINS, 1975, Ed 6, p.4)²³⁷. Assim, fica claro que, de uma perspectiva ideológica de missão, pode-se considerar o marco inicial do trabalho batista no Brasil com a fundação da Primeira Igreja Batista da Bahia, fundada em 1982. Contudo, sob a perspectiva histórico-religiosa e cronológica deve-se afirmar que este evento acontece na organização da Igreja Batista de Santa Bárbara, que veio a gerar as outras duas. Tratando-se de história, se faz necessária esta reconstrução cronológica fatural e documental, tal como a obra de Dona Betty, e a não utilização de certa ideologia ou de certo aglomerado de tradições, tal como fora construída a historiografia oficial amplamente difundida na denominação.

De outro lado, é possível perceber um existente desinteresse por parte de Reis Pereira, até então o principal historiógrafo dos batistas do Brasil, pela investigação de

²³⁶ OLIVEIRA, Betty Antunes de. **No primeiro centenário dos pioneiros norte Americanos**, *O Jornal Batista*, 27 de Novembro, edição 48, p. 1.

²³⁷MARTINS, Mário Ribeiro. **Rio Largo: berço e túmulo de dois pioneiros batistas**, *O Jornal Batista*, 9 de fevereiro de 1975, edição 6, p. 4.

fontes primárias em razão de sua busca pela afirmação ideológica missionária. Seus escritos eram fruto de tradições, de sua memória, de seus próprios escritos anteriores e das contribuições de pessoas que provavelmente partilhavam desta mesma visão ideológica. Ainda que este tivesse acesso à pesquisa documental de dona Betty, afirmava não haver fontes suficientes para uma melhor construção desta primeira fase na história dos batistas brasileiros. O motivo desta insistente negação aos recentes argumentos estava claro, o livro produzido por Betty Antunes trazia consigo vasto desconforto, visto que sua acurada pesquisa documental inevitavelmente apontava para um início do trabalho batista no Brasil diretamente ligado aos escravagistas confederados da Guerra de Secessão, associação esta que a liderança da convenção também buscava veementemente evitar na tentativa de sustentar a concepção de tradição ideológico-missionária, além de frustrar todos os planos comemorativos vindouros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando todo o pano de fundo por onde os desdobramentos deste episódio na vida da denominação, fica clara uma reação posta e fundamentada em conflitos de poder e gênero. Como vimos, cerca de quarenta anos se passaram antes que a Convenção Batista Brasileira tornasse válida a tese de dona Betty. Parte desta demora, podemos atribuir ao fato de que, naqueles anos, seu principal oponente contava com elevado prestígio na denominação e não exatamente porque eram suficientemente satisfatórios os argumentos apresentados e defendidos por ele. A elite governante em questão optou por não questionar com seriedade o que já havia sido estabelecido, mesmo em frente aos fortes argumentos apresentados pelas pesquisas de Betty Antunes. A decisão era tecnicamente correta, mas eticamente questionável, tendo em vista que o líder da comissão responsável por estudar as objeções da narrativa oficial era também o autor da versão principal. Naqueles dias era praticamente impossível para Betty conseguir a aprovação de sua tese na Convenção Batista Brasileira.²³⁸O domínio masculino na produção de conhecimento historiográfico fora surpreendentemente ameaçado por uma mulher, mais especificamente por uma esposa de pastor batista.²³⁹

²³⁸YAMABUCH, Alberto Kenji. **O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980.** São Bernardo do Campo, SP, 2009. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. p. 15-16.

²³⁹*Ibid.*, p. 38.

“O que ganharia uma esposa de pastor brigar com um pastor?”.²⁴⁰ Esta é uma das declarações feitas por Betty Antunes de Oliveira ao relatar sua cordial relação com José dos Reis Pereira em relação à divergência de opiniões que tinham no tocante ao assunto do marco inicial batista no Brasil. Após enviar quatro diferentes artigos para *O Jornal Batista* dentro desta temática, sendo o primeiro em 1966 e os outros três em 1977, a escritora relatou parar os envios por estar “perdendo tempo”, visto que suas publicações vinham recheadas de notas explicativas do jornal na tentativa de abafar possíveis questionamentos que pudessem ser despertados nos leitores dos periódicos.

Apesar de suas inegáveis conquistas na área acadêmica e suas inquestionáveis capacidades intelectuais, o lugar reservado para a “mulher de pastor” desfavorecia qualquer tentativa de ultrapassar uma vigorosa demarcação de seu espaço social. Para elas, estava reservado o lugar de submissão aos seus maridos pastores e, conseqüentemente, também aos demais líderes da denominação. A imagem tradicional das esposas de pastores era basicamente vinculada ao auxílio do ministério dos maridos, a ponto de sua visibilidade pública que fluísse por outras áreas fosse vista como inadequada e até mesmo transgressora. Ainda que este não fosse exatamente o caso da esposa do Pastor Albérico Antunes de Oliveira, foi apenas após receber o apoio de outros homens, como o Pastor Ebenézer Cavalcânti, Zaquieu Moreira de Oliveira, Mário Ribeiro Martins e Othon Avila Amaral, que sua tese ganhou força suficiente para fazer frente à hegemonia já estabelecida. Betty contestou publicamente a posição oficial acerca do marco inicial batista, excedendo em muito os limites de sua demarcação social. Ainda que suas contestações fossem feitas sempre de maneira cordial, utilizando os meios que lhe eram disponíveis e apresentadas de forma discreta, o feito culminou em uma fissura no domínio da produção da verdade, no campo da história dos batistas brasileiros²⁴¹, gerando incômodos à liderança predominantemente masculina.

Notoriamente, Betty Antunes sofreu violência simbólica²⁴² durante todo o processo dos questionamentos acerca do marco inicial batista, ainda que esta não se considerasse vítima. Para a pesquisadora, a questão corria muito mais no campo do saber equivocado que precisava ser reconsiderado. No entanto, o feito de Betty, intencionalmente ou não,

²⁴⁰OLIVEIRA, Betty Antunes de. Entrevista concedida a Alberto Kenji Yamabuchi (por telefone). Caraguatatuba, SP. 24 de julho de 2008. 17h00m.

²⁴¹YAMABUCHI, Alberto Kenji. **O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980**. São Bernardo do Campo, SP, 2009. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo. p. 277.

²⁴²Segundo Pierre Bourdieu, em seu livro “*A dominação masculina*”, p. 47, violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante. É suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas.

contestou e desafiou publicamente um estabelecido domínio masculino no campo do saber em relação a construção da história batista brasileira, e ainda, de forma politicamente perigosa, desacomodou também o seu poder.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Othon Ávila. **Antônio Teixeira de Albuquerque: o primeiro metodista e batista do Brasil.** O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1975, edição 4.
- AMARAL, Othon Ávila. **Evocações Históricas,** O Jornal Batista, 14 de outubro de 1973, edição 41.
- AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro.** Piracicaba, Unimep; São Paulo, Exodus, 1996.
- CAVALCÂNTI, Ebenézer. **Antônio Teixeira de Albuquerque até 1886.** O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1967, edição 48.
- CAVALCÂNTI, Ebenézer. **Um centenário batista no Brasil.** O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1971, edição 37.
- CRABTREE, A. R. **História dos Batistas do Brasil: até o ano de 1906.** Departamento de Estatística e História da Casa Publicadora Batista do Rio de Janeiro, 1937.
- MARTINS, Mário Ribeiro. **Rio Largo: berço e túmulo de dois pioneiros batistas,** O Jornal Batista, 9 de fevereiro de 1975, edição 6.
- OLIVEIRA, Betty Antunes de. **A propósito da organização da primeira igreja batista do Brasil...** Revista Teológica do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Rio de Janeiro, no. 2, 1985.
- OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco: Uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil.** 2º. ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 2005.
- OLIVEIRA, Betty Antunes de. **No Primeiro Centenário dos Pioneiros Norte-Americanos.** O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1966, edição 48.
- PEREIRA, José dos Reis. **História dos Batistas do Brasil (1882-1982).** 2º edição. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1985.
- PEREIRA, José dos Reis. **Os batistas fazem oitenta e quatro anos,** O Jornal Batista, 16 de outubro de 1966, edição 42.
- PRICE, Donald. **Assembléia de Deus e Batistas: um contraste entre dois modelos missionários teológica,** ano 3, nº 4, 2º semestre de 2001.
- SALVIANO ALMEIDA, Rute. **Vozes femininas no início do protestantismo brasileiro: escravidão, império, religião e papel feminino.** 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2014.
- SANTOS, Marcelo. **O marco inicial batista: historia e religião na America Latina à partir de Michel de Certeau.** 1º. ed. São Paulo: Coleção igreja sem fronteiras, 2003.
- SOBRINHO, João Falcão. **Um século depois.** O Jornal Batista. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1971, edição 40.
- TEIXEIRA, Marli Geralda. **Os batistas na Bahia: 1882-1925.**
- YAMABUCH, Alberto Kenji. **O debate sobre a história das origens do trabalho batista no Brasil: uma análise das relações e dos conflitos de gênero e poder na Convenção Batista Brasileira dos anos 1960-1980.** São Bernardo do Campo, SP, 2009. Tese de Doutorado. Universidade Metodista de São Paulo